

PRESENÇA DE TRIATOMÍNEOS EM NOVAS ÁREAS DO RIO GRANDE DO SUL

RAUL DI PRIMIO

As últimas investigações sobre os triatomíneos no Rio Grande do Sul permitem-me assinalar novas áreas com as três espécies mais frequentes, ampliando a importância do assunto sob o ponto de vista epidemiológico.

Ainda que possa parecer superado o estudo da distribuição geográfica dos triatomíneos no Rio Grande do Sul pelo autor que já percorreu todos os quadrantes, há, entretanto, particularidades dignas de menção, dadas as diferentes regiões do Estado, com aspectos nosológicos diversos e de grande valor na biologia dos vectores e, corolariamente, na transmissão da doença de Chagas.

Panstrongylus megistus

Nesta contribuição registro pela primeira vez a presença do *Panstrongylus megistus* em Caxias do Sul, no Desvio Rizzo, exemplar encontrado em 11-3-1964 por uma distinta aluna.

Pesquisas anteriores no município resultaram infrutíferas. Assim, nos dias 24 e 25 de fevereiro de 1955 investiguei vários pontos de Caxias do Sul, como: Santa Justina, Travessão Extrema, Xarqueada, Cortume, Tupi, Burgo, Zona do Cemitério e outros na companhia do técnico-rural Guido Gasperini para inquérito e pesquisa de triatomíneos sem resultado positivo. Na mesma época visitei Flôres da Cunha para idênticos objetivos.

Anteriormente de 19 a 24 de janeiro de 1955 realizei pesquisas nos municípios de Farroupilha, Garibaldi, Bento Gon-

çalves e Veranópolis, cujos resultados foram publicados.

Consigno aqui o encontro do *P. megistus* no município de São Leopoldo, no Arroio da Manteiga, em 3-1-1964, infectado pelo *Trypanosoma cruzi*. A espécie já foi por mim assinalada em Sapucaia, quando então pertencia a São Leopoldo, evidenciando-se, assim, dois pontos diferentes de infestação em pequena distância.

Assinalo a presença do *P. megistus* no Lami, Município de Pôrto Alegre, onde, em épocas anteriores, não consegui êxito nas investigações realizadas.

Novamente um exemplar de *P. megistus*, na casa da Juventude, no Morro do Sabiá, em Pôrto Alegre, foi encontrado em 30-11-1963, confirmando a infestação naquela zona, fato já divulgado.

Um exemplar da mesma espécie recebido de São Valentim reafirma também a infestação naquela localidade.

Triatoma infestans

Como constatação recente é a presença do *Triatoma infestans* na localidade de Itacolomé em Gravataí, onde no mesmo município encontrei, em lugares diferentes, *P. megistus* e *T. rubrovaria*.

Também no presente trabalho o *T. infestans*, é assinalado nos municípios de Pôrto Lucena e Agudo.

Em aditamento à minha estatística anterior consigno, a seguir, as últimas investigações, muitas sem os índices de infecção de triatomíneos não determinados por motivo insuperável na oportunidade.

Os números indicam os exemplares capturados de *T. infestans* em localidades até então não declaradas infestadas.

Agudo (11). — Alegrete, estância do Sr. Ivo Ferreira da Costa (1). — Caçapava do Sul: Passo Feio (1), Pedra dos Secreos (3), Minas do Camaquã (2 positivos), Morro Andrade (1). — Camaquã (20). — D. Pedrito: Parque da Exposição (10), Estação Velha (26), Zona da Santa Casa (17), Zona São Gregório (165). — General Câmara (3 negativos). — Gravataí, Itacolomi (1). — Guaíba, Sertão de Santana (8). — Ijuí, Fundo Alegre (2). — Santana do Livramento: Pedreira do Carajá (16), Povinho do Armour (18), Estrada do Carajá (21), Passo do Carajá (14), Passo do Cerrito (1), Pedreira da cidade (6). — Montenegro, Passo do Pimenta (1 negativo). — Pôrto Lucena (1 positivo). — Quaraí, Sesmaria dos Vasconcelos (1). — Rosário: Chácara Monte (10), Corte, Coudelaria de Saican (52), Vila Doile (95), Zona do Logradouro (25), Margem do Ibicuí (2 positivos), Chácara do Monte (31), Viação Férrea (1), Varzea (18). — Santa Rosa: Campo Alegre, Cinquentenário (6 negativos), Pessegueiro (7 negativos). — Santiago, Boqueirão (2). Santo Ângelo, Mato Grande (6 negativos), Colonia Vitória (9 negativos), Barra São João (11). São Borja, Vila 13 de Janeiro (10). — Três de Maio, zona suburbana (11 negativos). — Uruguaiana, Capela (10 positivos), centro da cidade (1).

Deixo de consignar no presente trabalho os triatomíneos capturados em 21 municípios, por estarem relacionados com zonas já trabalhadas.

Triatoma rubrovaria

Registro a presença do *Triatoma rubrovaria* em Bom Jesus, perto do Rio dos Touros, remetido em 22-4-1963 pelo Sr. Clavio Moraes Varela para classificação.

Outro exemplar de *T. rubrovaria* recebi de Santa Cruz do Sul em 4-12-1962 por um ex-aluno de Farmácia. No município limítrofe de Rio Pardo, onde se encontra *T. infestans*, anteriormente assinaliei a presença de *T. rubrovaria*.

Recebi um exemplar de *T. rubrovaria* de Cacequi, São Lucas, até então sem referência da espécie.

Assinalo a presença do *T. rubrovaria* nas seguintes localidades em acréscimo à estatística já publicada: Alegrete, estância do Sr. Carlos Guerra. — Caçapava do Sul, Minas de Camaquã. — Encruzilhada do Sul, Piqueri. — Quaraí, Sesmaria dos Vasconcelos. — Santana do Livramento, Passo do Cerrito. — Uruguaiana, Fazenda Santa Edwíges.

A constatação do *T. rubrovaria* em zonas distantes das que são consideradas como seu verdadeiro habitat, citando-se a larga faixa da Fronteira com penetração para o centro do Estado ou em pontos esparsos sob a forma esporádica, reveste-se de muita importância, revelando a sua grande ubiquidade de adaptação às particulares condições mesológicas do Planalto Rio-Grandense, principalmente baixa temperatura com nevadas periódicas. Ressalto, outrossim, de toda a dispersão, a circunstância de ser uma espécie silvestre no seu principal habitat que é o Rio Grande do Sul.

Com os novos dados, o estudo da distribuição geográfica dos triatomíneos torna-se mais interessante dentro do próprio Estado onde há regiões de vegetação, topografia, altitude que condicionam variações de higroscopia, temperatura, regime de ventos, nevadas e outros fatores meteorológicos que se prestam ao confronto desses diferentes elementos com outras zonas de latitudes diversas, infestadas em graus e circunstâncias variáveis pelos vectores da doença de Chagas.

De 4 a 8 de janeiro de 1964 realizei pesquisas do ponto de vista epidemiológico em Caçapava do Sul para comparação dos resultados obtidos em julho de 1951 com a situação atual onde já começam surgir novas gerações de triatomíneos, após a destriatomização realizada pelo D.N.E.Ru., provavelmente em condições de maior resistência aos inseticidas.

Intercorrentemente recebi, em duas épocas diferentes, de Joaçaba, Santa Catarina, dois exemplares de *Panstrongylus megistus* enviados pelo Dr. Pedro Luiz Toaldo para exame e classificação.

O primeiro exemplar foi capturado às 23 horas no banheiro do terceiro andar do apartamento da sua residência e o outro também em apartamento no se-

gundo andar, o que demonstra a infestação naquela cidade, assim como o raio de ação e o hábito da espécie de penetrar à noite em domicílio sob a influência de

irremissíveis tropismos. Repete-se em outra região distante o que se observa no Rio Grande do Sul, com referência ao *P. megistus*.

TRABALHOS DO INSTITUTO DE FISIOLOGIA EXPERIMENTAL

- 46 — “**Potentialisation de l'action de l'insuline par d'hyaluronidase**”. P. Riet Corrêa e E. Magalhães. *Ann. Endocrinol.*, 1962, 23, 23.

A administração de insulina e hialuronidase por via intra-venosa provocou, em cães, maior abaixamento da glicemia do que quando a insulina era injetada isoladamente, sendo a diferença estatisticamente significativa aos 10 e 20 minutos.

Discute-se o possível mecanismo de ação da hialuronidase.

- 47 — “**Hyaluronidase and response of rat epididymal adipose tissue to small concentrations of insulin**”. E. Magalhães. *Rev. Brasil. Biol.*, 1962, 22, 29.

A hialuronidase, na concentração de 10 ou 15 unidades turbidimétricas por ml, produziu significativo aumento da produção de CO_2 pelo tecido adiposo do epidídimo do rato durante a síntese da gordura a partir da glicose quando adicionada a 20 - 50 microunidades de insulina por ml “in vitro”. A hialuronidase isoladamente não produz nenhum efeito.

- 48 — “**Influência da sialadenectomia sobre os testes de sensibilidade à insulina e de tolerância à glicose em cães**”. J. L. S. da Nova Cruz. Tese de concurso à livre-docência de Fisiologia na Faculdade de Odontologia de Pelotas (1962).

30 dias após a extirpação das glândulas parótidas, submaxilares e retrolinguais de ambos os lados, em cães, a sensibilidade à insulina é maior nos primei-

ros 10, 20 e 30 minutos do que nos animais normais.

O teste de tolerância à glicose só revelou modificação aos 15 minutos após a injeção intravenosa de glicose.

Decorridos 120 dias, a contar da operação, as curvas glicêmicas voltaram a ter os mesmos valores dos testes realizados antes da remoção das glândulas salivares.

Aparentemente, a sialadenectomia influi de forma transitória no mecanismo glico-regulador, expressando-se num comportamento diverso dos testes de sensibilidade à insulina e de tolerância à glicose.

- 49 — “**Physiology of Mollusca — II. Action of serotonin and other amines on the heart of “Strophocheilus oblongus”**”. C. P. Jaeger. *Comp. Biochem. & Physiol.*, 1962, 6, 243.

O coração do “*Strophocheilus oblongus*” é sensível à 5-HT, triptamina, bufotenina e substâncias afins.

A ação do extrato de tecido miocárdico não é antagonizada pelo Br-LSD, o qual antagoniza a 5-HT e outros compostos indólicos.

A 5-HT, a acetilcolina e extratos de tecidos têm ação sinérgica e não interferem entre si.

- 50 — “**Protein electrophoretic patterns of “Strophocheilus oblongus” blood**”. E. Magalhães e M. M. Vozari Hampe. *Life Sciences*, 1962, 5, 173.

O sangue dêste caracol possui duas frações protéicas com diferentes velocidades de migração: a mais rápida tem a mesma migração da alfa 2-globulina do plasma do cão; a segunda fração tem

uma velocidade de migração idêntica à da gama-globulina do plasma do cão corrida simultaneamente.

- 51 — “Variações do teor de glicogênio hepático em ratos hipo e hipertireoideus sob a ação do glucagônio”. I. C. von Poser. Rev. Brasil. Biol., 1962, 22, 263.

A administração de glucagônio, na dose de 0.05 mg por via intravenosa, provocou, após 10 minutos:

1. Em ratos normais, diminuição da concentração do glicogênio hepático e, como consequência, elevação da glicemia, mostrando que o efeito inicial do glucagônio é a glicogenólise hepática, não havendo sido observada, entretanto, diferença significativa.

2. Em ratos tireoprivos, tanto o glicogênio como a glicemia apresentaram valores ligeiramente sub-normais: o HGF produziu pequena ascensão de ambos os níveis, guardando a concentração de glicogênio relação com o nível glicêmico.

3. Em ratos hipertireoideus, a glicemia baixou, provavelmente devido ao baixo teor de glicogênio ou em consequência do hipertireoidismo avançado.

- 52 — “Physiology of Mollusca — III. Action of acetylcholine on the penis retractor muscle of “*Strophocheilos oblongus*”. C. P. Jaeger. Comp. Biochem. & Physiol., 1962, 7, 63.

O músculo retrator do penis do caracol “*Strophocheilos oblongus*” foi isolado e conservado em perfusão.

O músculo assim preparado é sensível à acetilcolina. Ele se contrai em presença desta substância mas relaxa-se logo após a lavagem.

Foram experimentadas várias drogas (eserina, neoestigmina, mitolon, atropi-

na, nicotina, histamina, pilocarpina tubocurarina) de ação sabidamente antagonista ou potencializadora da acetilcolina.

- 53 — “Orientação para a busca bibliográfica destinada aos alunos de Fisiologia”. P. Riet. Corrêa. An. Fac. Med. P. Alegre, 1962, 22, 103.

O autor indica aos estudantes de Fisiologia como devem proceder para usar uma biblioteca especializada, de modo a poupar tempo e encontrar com segurança o que desejam.

- 54 — “Physiology of Mollusca — IV. Action of serotonin on the penis retractor muscle of “*Strophocheilos oblongus*”. C. P. Jaeger. Comp. Biochem. & Physiol., 1963, 8, 131.

O músculo retrator do penis do caracol “*Strophocheilos Oblongus*” é sensível à 5-hidroxitriptamina e a outras aminas, as quais produzem contrações rítmicas em concentrações liminares. Esta ação é antagonizada pela acetilcolina.

Sugere o autor que os mecanismos de ação destes dois neurohormônios devem ser diferentes.

- 55 — “Changes in activity of rat epididymal adipose tissue “in vitro” due to time elapsed since last feeding”. M. Marques, E. Magalhães e P. Riet Corrêa. Experimentia, 1963, 19, 149.

Os autores estudaram a influência do tempo que media entre a última refeição e o sacrifício do animal sobre a sensibilidade da gordura do epidídimo do rato à insulina *in vitro*, utilizando para isso o método manométrico. Grupos de animais foram alimentados 24, 5 e 2½ horas antes de serem sacrificados. O espaço de 5 horas parece preferível porque dá melhor linha de base e há menos dispersão dos resultados.